

FREUD E A LITERATURA: UMA PREDILEÇÃO

Paulo Maués Corrêa
paulomauescorrea@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/0491326493716692>

RESUMO

No presente estudo, exponho considerações acerca da relação existente entre Freud e a Literatura, tomando como fonte de argumentação a obra de estudiosos conceituados, como Harold Bloom e Bruno Bettelheim, assim como, especialmente, as marcações deixadas pelo próprio Freud, as quais deixam entrever a importância que a Psicanálise possui, como objeto de estudo e como ferramenta de análise. Paralelamente, justifico meus procedimentos como analista da Literatura.

Palavras-Chave: Freud, Psicanálise, Literatura.

Ao longo dos trabalhos que desenvolvo, tenho utilizado frequentemente a Psicanálise como ferramenta de abordagem, entretanto poucas vezes há espaço para um debate mais detalhado acerca da interface entre Literatura e Psicanálise, de modo que, na presente oportunidade, me dou ao direito de suspender meu discurso interpretativo e me dedico à relação cogitada.

Nesse sentido, não há como negar o papel significativo de Sigmund Freud, daí a justificativa para eu tomá-lo como polo norteador da abordagem. Não pretendo, portanto, apresentar um levantamento completo das diversas contribuições de outros psicanalistas ao estudo da Literatura, pois isso demandaria uma pesquisa muito mais ampla.

A proximidade de Freud com as artes é fato destacado por ele próprio, por exemplo, no estudo sobre *O Moisés de Michelangelo*, quando afirma, logo na primeira página do ensaio: “as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura” (1997, p.103).

Note-se o estatuto privilegiado atribuído à Literatura na fala de Freud: ela é colocada em primeiro lugar na relação. E esse destaque é evidente no confronto com o todo de sua obra, pois foram obras literárias que lhe possibilitaram expandir ou ilustrar sua teoria, e o exemplo máximo de tal afirmativa, nesse sentido, se encontra, acredito, no uso que Freud fez da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, com a finalidade de dar respaldo ao Complexo de Édipo – destaco a fala de

Jocasta a Édipo: “Não temas o himeneu com uma mãe: muitos mortais já partilharam em sonho o leite materno” (2001, p.67) – segundo Freud, “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido ou recalçado)!” (1999, p.170) (grifo do autor), premissa básica da psicanálise.

Como se vê, Psicanálise e estudo da Literatura se associam intimamente, tanto que Freud, em diversas ocasiões, se debruçou sobre obras literárias. Tal proximidade se evidencia ainda por uma série de aspectos, dentre os quais destaco o seguinte: o objeto de análise. A Psicanálise tem no sonho sua fonte maior de investigação; e o estudo da Literatura, textos literários. O ponto de interseção entre esses objetos distintos está no meio que utilizam para se manifestar: a palavra – polissêmica por excelência. Fique claro que o que se analisa em um sonho não são as imagens oníricas propriamente, mas sim os relatos que são feitos pelo sonhador. Portanto, a Psicanálise pode ser entendida, antes de mais nada, como uma técnica de análise textual, como o prova o próprio Freud, por exemplo, na leitura que fez, em 1907, do livro *Gradiva: uma fantasia pompeiana*, do escritor alemão Wilhelm Jensen.

No tocante a essa relação entre Literatura e Psicanálise, já explicitamente evidente em Freud, Rafael Andrés Villari aponta duas vertentes, por ele denominadas de “aditiva” e “extrativa”, definidas nos seguintes termos:

por um lado, parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação *aditiva* em que se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica e por outro, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de *extrativa*, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir a Psicanálise (2002, p.21).

Em minhas pesquisas [em *Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir* (CORRÊA, 2008), por exemplo], me centralizo na vertente “aditiva”, pois exploro aspectos mais escondidos dos textos, num explícito aproveitamento do jogo entre os conteúdos manifesto e latente indicados por Freud n’*A Interpretação dos Sonhos*. Aqui, não perco de vista, seguindo o parecer de Bruno Bettelheim, o fato de que o título dessa obra (transposto do inglês para o português) não exprime o que Freud tencionou de fato expor no título original: *Die Traumdeutung*. Para Bettelheim, caso Freud objetivasse expressar o sentido contido em *The Interpretation of Dreams*, ele o teria feito, pois em alemão há vocábulos que correspondem aos que compõem o título presente na *Standard Edition*. Nesse sentido, Bettelheim sentencia:

O *Duden*, que, para a língua alemã, tem a mesma autoridade que o *Oxford English Dictionary* (OED) para o inglês, explica que *Deutung*

significa “uma tentativa de apreender o sentido mais profundo ou a significação de algo” (...) Foi isso, pois, o que Freud desejou transmitir através de seu título: o que ele estava apresentando era uma *tentativa* de *apreensão* de um sentido *mais profundo* (1994, p.81) (grifos de autor).

Observação semelhante à de Bettelheim é feita por Marthe Robert (1991, p.101) a respeito da tradução francesa, *Science des Rêves*. Dessa forma, o que busco em minhas análises não é propriamente uma interpretação do texto-*corpus*, mas sim um mergulho em aspectos *mais profundos* do mesmo, o que suscita a metáfora arqueológica da Psicanálise. A aproximação entre a Psicanálise e a Arqueologia é uma das mais imponentes, no sentido de compreender quais são os propósitos do procedimento terapêutico e semiológico sistematizado por Freud.

Dentre os estudiosos que dela se preocuparam, destaque inicialmente Donald Kuspit. Uma de suas considerações a propósito da aproximação aqui suscitada demarca sua importância capital para se compreender o pensamento de Freud: “Entender a metáfora arqueológica é entender o cerne do pensamento psicanalítico, se não os detalhes, é compreender sua orientação geral, se não seus procedimentos e conceitos particulares” (1984, p.159).

Para Kuspit, a associação da Psicanálise à Arqueologia foi uma tentativa de Freud de ampliar a sedução psicanalítica a um público alheio à prática médica, dados os efeitos causados pela descoberta das ruínas de Troia, efetuada por Heinrich Schliemann – Janine Burke considera: “Seu herói é Heinrich Schliemann” (2010, p.11). É nesse sentido que Peter Gay assegura:

Não é por acaso que o homem cuja história de vida proporcionou o maior prazer a Freud, e a quem provavelmente invejou mais do que a qualquer outro, tenha sido Heinrich Schliemann, o famoso escavador das misteriosas e míticas antiguidades de Tróia. Freud considerava a carreira de Schliemann tão extraordinária porque ao descobrir o “tesouro de Príamo”, ele havia encontrado a verdadeira felicidade (1989, p.169).

Essa consideração do biógrafo traz em seu bojo duas recorrências evidentes em Freud. Primeiro, a manifesta aproximação à figura do arqueólogo, tão forte a ponto de Gay, já no *Prefácio* de seu livro, considerar Freud um “arqueólogo da mente” (1989, p.17); e, segundo, uma latente alusão à Literatura enquanto objeto privilegiado no sentido de possibilitar pistas para as escavações psicanalíticas – para Burke, Freud é “o triunfante escavador da mente humana” (2010, p.12). Este segundo dado vem à tona ao se ter em mente que foi a partir da *Ilíada*, de Homero, que Schliemann concretizou sua descoberta.

A imagem de Freud como um arqueólogo é destacada mesmo por um de seus casos clínicos mais famosos: o Homem dos Lobos. Conforme Gay, o paciente havia concluído que o gabinete de Freud não se parecia com as dependências de um médico,

mas antes de um arqueólogo. Ali havia todos os tipos de estatuetas e outros objetos estranhos, que mesmo o leigo reconhecia como descobertas arqueológicas do Egito antigo. Aqui e ali, distribuía-se nas paredes placas de pedra representando diversas cenas de épocas há muito desaparecidas (1989, p.168).

Uma alusão à metáfora arqueológica é feita de modo explícito n' *O Mal-Estar na Civilização*, obra na qual Freud aponta uma vantagem da Psicanálise sobre a Arqueologia. As escavações em Roma permitiram um estudo sobre as diversas formas que a Cidade Eterna já teve ao longo da História. Porém não é possível recuperar todas as construções de períodos passados. É justamente nesse ponto que Freud indicia a vantagem do psicanalista sobre o arqueólogo:

Permitam-nos agora, num voo da imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas sim uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante — isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento que, em Roma, os palácios dos césores e as *Septizonium* do Sétimo Severo ainda se ergueriam em sua antiga altura sobre o Palatino e que o castelo de Santo Ângelo apresentaria em suas ameias as belas estátuas que o adornavam até a época de cerco pelos godos, e assim por diante (1997a, p.16-17).

Logo, diante de tantos indícios da interface entre Psicanálise e Arqueologia, meu procedimento se aproxima dos evidenciados por tais áreas do conhecimento: escavar as camadas *mais profundas* dos textos é minha tarefa, numa nítida alusão à consideração de Bettelheim acerca do sentido do título original em alemão d' *A Interpretação dos Sonhos*, exposta anteriormente.

Não busco, porém, nenhuma inferência biográfica, o que, em certo sentido, me distancia de uma vertente de leitura psicanalítica já presente no próprio Freud, quando analisa, por exemplo, a obra de Leonardo da Vinci com vistas a explorar aspectos do homem. Em tal estudo, Freud analisa uma lembrança da infância do artista, um dos poucos relatos desse período fundador do gênio. Eis a fala de da Vinci:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão profundamente com os abutres; pois guardo como uma das minhas primeiras recordações que, estando em meu berço, um abutre desceu sobre mim, abriu-me a boca com sua cauda e com ela fustigou-me repetidas vezes os lábios (*apud* FREUD, 1997a, p.32).

Não se precisa recorrer de imediato à Psicanálise para se identificar a sugestiva carga emocional do relato, evidente no termo usado por da Vinci, “*recordatione*”, que carrega etimologicamente a noção de *cor*, coração, o que impulsionou Emil Staiger (1972) a ver o “*recordare*” como demarcatório do gênero lírico. Na prática analítica efetuada por Freud, foi escavado um fato da infância do artista, quando sua mãe o amamentava, conclusão fundamentada no comparativo entre o relato e a imagem da deusa egípcia Mut, representada como tendo cabeça de abutre. Mais adiante, no aprofundamento da análise, Freud localiza dispositivos que induzem à feição homoerótica de da Vinci, pois a imagem, ambigualmente, remete também à felação, já que o menino é revestido de uma passividade que acaba por torná-lo um elemento feminino, a ponto de o estudioso afirmar que uma das coisas mais notáveis no relato foi “ter sido transformado o ato de mamar no seio materno em ser amamentado, isto é, em passividade, portanto, numa situação cuja natureza é indubitavelmente homossexual” (1997a, p.51), enfatizada pela proximidade entre a cauda e o falo. Tal afirmativa não quer dizer, na perspectiva de Freud, que da Vinci teve propriamente envolvimento sexual com outros homens, mas sim que nele há fortes traços homoeróticos, canalizados, ou seja, sublimados¹, para a prática artística e científica.

Em síntese, nas palavras de Freud, “O objetivo do nosso trabalho foi explorar as inibições na vida sexual e na atividade artística de Leonardo” (1997a, 92). À moda de Freud, poderia aqui apontar um dispositivo aventado por ele no estudo sobre Leonardo, o esquecimento: na passagem citada, Freud “esqueceu” de apontar a faceta de cientista no personagem. A que se deve tal lapso? Não avançarei em conjecturas, pois pratico meus exercícios psicanalíticos somente com criaturas de papel, mas é suspeito o apagamento de um concorrente.

1 No conceito de sublimação há mais um substrato da Literatura no trabalho freudiano, pois “Foi Goethe, diga-se de passagem, quem introduziu o termo ‘sublimar’ – *sublimieren* – na língua alemã, em referência a sentimentos humanos que devem ser aperfeiçoados, elevados e canalizados para outras motivações de nível mais puro” (BETTELHEIM, 1994, p.22).

Nos pontos que apresentei aqui, a leitura de Freud está voltada para um relato autobiográfico, mas a conexão que inicialmente suscitei, entre autor e obra, é efetivada na seguinte proposição: “Será que nada existe na obra de Leonardo para testemunhar aquilo que sua memória conservou como uma das impressões mais fortes de sua infância?” (1997a, p.62). Esse é o ponto, a obra servindo de portal de acesso à psique do artista, numa espécie de psicobiografia. A resposta dada por Freud é positiva. E é a Mona Lisa, um dos quadros – senão o – mais conhecidos do mundo, que entra em foco. O sorriso da mulher retratada seria outra “recordação”, seria um sorriso similar ao de Caterina, a mãe de Leonardo, tanto que se repete em outras obras do autor.

Embora Freud aponte uma carga considerável de sublimação em da Vinci, deixando, portanto, suas práticas homoeróticas num plano de mera sugestão, há quem seja mais contundente no sentido de expor a predileção do artista por “adolescentes que o frequentavam sexualmente” (TREVISAN, 2002, p.127). Se na leitura de Freud a Mona Lisa é uma referência edipiana, para Trevisan trata-se de uma produção feita a partir dos jovens que “serviam”, de modelo, ao artista. Saliente-se ainda que essa busca pelo autor na obra é evidente também em herdeiros da tradição psicanalítica, como Otto Rank – *Don Juan e Le Double / Don Juan e o Duplo* –, que, ao estudar o Duplo, tenciona demonstrar que existem certos elementos em comum na psique dos literatos que tratam do tema, como E. T. A. Hoffmann e Guy de Maupassant, e Marie Bonaparte (*apud* BACHELARD, 1989), que buscou ver, nas inúmeras referências à água na obra de Edgar Allan Poe, a presença da mãe do escritor.

Alusões biográficas semelhantes às apontadas nos estudos de Freud, Rank e Bonaparte não são destacadas em meus estudos.

Minha opção por não abordar a biografia dos autores me aproxima, porém, de uma vertente de leitura também evidenciada por Freud: a apreciação do objeto estético, com a finalidade de focar aspectos passíveis de inferências psicanalíticas, como ocorre na leitura que fez da *Gradiva*, de Jensen, já referida anteriormente, e d’*O Estranho*, estudo sobre *O Homem da Areia*, de Hoffmann.

Retomando a referência de Villari, pode-se constatar que as vertentes “aditiva” e “extrativa” por ele expostas foram devidamente aplicadas por Freud. Se, por um lado, ele “extraiu” dos textos literários material para o enriquecimento de sua teoria, por outro, ele contribuiu, a partir do aparato conceitual psicanalítico, para a maior compreensão de obras, não só literárias, como também de outras formas de expressão artística.

Fato é que a influência de Freud é considerável a ponto de se afirmar, com Carpeaux:

Sem a psicanálise não haveria literatura moderna, embora a influência nem sempre seja direta e admitida (...) a psicanálise serviu de pretexto para falar de sexualidade com franqueza inédita, transformando-se completamente o aspecto da literatura universal (s.d., p.137).

Indico certa ressalva quanto a alguns pontos das considerações de Carpeaux. Refiro-me ao apagamento, em sua fala, de uma tradição de Literatura chamada Libertina, cuja sistematização ocorreu a partir do século XVIII na Europa. Afora isso, é inegável a presença, mesmo que subjacente, da Psicanálise em textos literários, como se vê na produção, por exemplo, de alguns de nossos Modernistas, como Mário de Andrade, em seu *Macunaíma*, no qual praticamente aplicou a técnica da escrita automática.

Um apanhado mais completo acerca da relação de Freud com a Literatura se encontra em Marthe Robert (1991, p.219). Sua primeira consideração diz respeito ao fato de, ao contrário do que se poderia esperar, mediante as inúmeras referências literárias em sua obra, Freud ter dedicado poucos trabalhos à análise de obras literárias. Segundo Robert, são poucos os textos voltados à [psico]análise da Literatura. São eles: o já referido estudo sobre a *Gradiva*; *A Criação Literária e o Sonho Acordado*; *Os Três Cofrezinhas*; *Um Recórdo da Infância de Goethe*; e, por fim, o estudo sobre o parricídio nos *Irmãos Karamazov*, de Dostoievski.

Robert não cita *O Estranho*, mas acentua que os heróis dos casos clínicos publicados por Freud são referidos como se fossem personagens romanescos de fato, tanto que ela assevera: “Se a literatura e a psicanálise têm algo em comum, é certamente esse intenso poder de identificação graças ao qual os doentes de Freud se transformam em figuras comoventes, ainda hoje vivas e verdadeiras” (1991, p.209).

Desse modo, a obra de Freud se transformou num grande painel de personagens que interagem com personagens da literatura universal, num complexo intertexto que fundamenta e estimula a utilização da Psicanálise como ferramenta de abordagem de textos literários.

Burke, que aborda de modo significativo a coleção de arte de Freud, destaca a prática constante de leitura que o Pai da Psicanálise efetuava:

Imerso em seu gabinete, Freud era como uma criança brincando, criando seu próprio mundo, o tipo de atividade que ele descrevia como uma continuação e um substituto das brincadeiras de infância. Além dos livros especializados para seus cursos, Freud colecionava com avidez

volumes de seus autores prediletos, incluindo Goethe, Schiller, Heine, E. T. A Hoffmann, os Irmãos Grimm, Milton, Zola, Dickens e Twain (2010, p.46-47).

A esses nomes, podemos acrescentar “outro herói de uma vida” (BURKE, 2010, p.48), Shakespeare. No tocante à presença da autoridade do bardo inglês na escritura de Freud, há que se destacar o posicionamento de Harold Bloom, tanto n’ *O Cânone Ocidental* quanto no *Gênio*. No *Cânone*, Bloom destaca:

Durante muitos anos, ensinei que Freud é essencialmente Shakespeare prosificado: a visão da psicologia humana de Freud deriva, não de todo inconscientemente, de sua leitura das peças. O fundador da psicanálise leu Shakespeare em inglês durante toda a vida, e reconheceu-o como o maior dos escritores (2010, p.483).

Como ênfase, o crítico afirma que Shakespeare “tornou-se a autoridade oculta em Freud” (2010, p.484). Assim, como se pode depreender do que foi exposto por Bloom e do que apresentei em todo este artigo, subjaz no discurso de Freud a presença constante da Literatura, fato que, em certa medida, justifica a aplicabilidade da Psicanálise como ferramenta útil também para os Estudos Literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a Alma Humana**. 5.ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BLOOM, Harold. **Gênio. Os 100 autores mais criativos da História da Literatura**. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BURKE, Janine. **Deuses de Freud: a coleção de arte do pai da psicanálise**. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CARPEAUX, Otto Maria. **As Revoltas Modernistas na Literatura**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2008.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.83-128.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância; O Moisés de Michelangelo**. Trad. Wanderedo Ismael de Oliveira e Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

FREUD, Sigmund. **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen**. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997c.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. Wanderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GAY, Peter. **Freud: Uma vida para o nosso tempo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JENSEN, Wilhelm. **Gradiva: uma fantasia pompeiana**. Trad. Ângela Melim. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

KUSPIT, Donald. Uma metáfora poderosa: a analogia entre a Arqueologia e a Psicanálise. In: **Sigmund Freud e a Arqueologia**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

RANK, Otto. **Don Juan e Le Double**. Trad. S. Lautman. Paris: Payot, 2001. (Petite Bibliothèque Payot, 23)

ROBERT, Marthe. **A Revolução Psicanalítica**. Trad. Atílio Cancian, J. Guinsburg e Ricardo W. Neves. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Coleção L&PM Pocket, 129)

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VILLARI, Rafael Andrés. **Literatura e Psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia**. Florianópolis: UFSC, 2002.

SOBRE O AUTOR:

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre em Estudos Literários (UFPA, 2006). Doutorando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará. Bolsista da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa “Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina”, do CNPq. Como ensaísta, recebeu quatro vezes o Prêmio Carlos Nascimento, no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), e o Prêmio IAP de Edições Culturais/2008. Autor de livros sobre Literatura e cultura da Amazônia.